

Luiz Ruffato – *O mundo inimigo*

Rio de Janeiro: Record, 2005.

Marguerite Itamar Harrison

A última imagem de *O mundo inimigo* é de uma fuga inesperada após um encontro fracassado. Ao longo da narrativa, o protagonista “melancolicamente velho, irremediavelmente doente” de “Vertigem” persegue a menina de quinze anos que ainda ocupa o lado sentimental da sua memória. Apesar dessa caça insistente em busca de resquícios de felicidade, sabemos que a tristeza o vai “acompanhar amarrada ao calcanhar pelo resto dos dias”, assim como a imensa solidão se apodera do velho Zé Pinto em “O outro mundo”, aquele que, na madrugada alta, permanece à espera do fim de tudo, enquanto a vida vai girando em compasso com a fita pornográfica rodando no videocassete. “A esses”, diz o texto de “Vertigem”, “está reservado o inferno”.

Em solidariedade com esses dois personagens, um outro mundo soa melhor do que este mundo inimigo (e vertiginoso) do qual participamos.

Somos seres humanos habitando um mundo desumano. Vivenciamos um inferno provisório. *O mundo inimigo* nos instiga a reconhecer a covardia das nossas ações, assim como a carência da nossa paixão. O Beco do Zé Pinto em Cataguases – cidade-natal do autor – é representado na ficção como um mundo coletivo regido por ações independentes. Apesar do convívio comunitário do beco, da rotina cotidiana do trabalho na fábrica, esses cidadãos operam num universo determinado por segredos pessoais e por mergulhos íntimos. As lutas desses indivíduos manifestam-se por meio de uma interdependência comunitária, ora tragicamente miserável, ora profundamente comovente.

Assim como a estrutura do Beco do Zé Pinto em si, este romance-mosaico é composto de uma unidade concebida a partir das vidas desagregadas de seus habitantes. Uma criatividade formal da parte do autor evidencia-se de imediato. O próprio título anuncia uma unidade que corresponde ao gênero romance, ao mesmo tempo que as divisões criam um ambiente de pluralidade. Os títulos de cada narrativa sugerem contos independentes em vez de capítulos vinculados a uma via única e cronológica. O leitor se torna cúmplice nessa construção ambígua e múltipla, que requer a sua participação ativa do começo ao fim. Cabe ao leitor montar as diferentes peças que armam essa narrativa. No final, essas histórias desatadas aliam-se para retratar um cosmo coletivo de sobrevivência.

O mundo inimigo contém no total doze narrativas: as sete histórias da primeira coletânea do Luiz Ruffato – *Histórias de remorsos e rancores*, uma história da segunda coletânea, (*os sobreviventes*), e quatro histórias inéditas, todas presentes numa seqüência embaralhada. Em relação ao original, os contos de *Histórias de remorsos e rancores* apresentam-se aqui reescritos e deslocados, numa ordem deliberadamente alterada. No entanto, este aspecto reelaborado faz com que essas histórias distintas e individuais apareçam reunidas numa unidade mais definida e estruturada. *O mundo inimigo* costura vários fios que unem as histórias e seus personagens.

Além disso, ao se definir *inimigo*, o mundo assume uma certa responsabilidade ou culpabilidade pelos indivíduos que sobrevivem nesses contos. As suas vidas desordeiras desençam-se dentro de um espaço não-linear que, no entanto, as interliga através de fios invisíveis (correspon-

dentes às teias de aranha e às veias de tristeza que permeiam estas ficções). As partes distintas dessa suposta unidade contribuem para que nenhum personagem assuma o papel de protagonista ou grande herói. A fragmentação do romance enfatiza o aspecto pluridimensional desses múltiplos pequenos (anti) heróis.

As diversas narrativas exigem que o leitor siga um percurso difícil de leitura, de cautelosa aprendizagem. Essas narrativas se inter-relacionam através de personagens que surgem e ressurgem de modo desordenado, dando continuidade ao texto deliberadamente descontínuo. Esses personagens surgem e ressurgem também servindo de desafio ao leitor que, no ato de ler, tenta conectar e mediar o mundo do beco a partir de elementos díspares e desestabilizantes. No mínimo, o leitor é obrigado a prestar atenção. Às vezes se sente confuso, deslocado, quase analfabeto, sem o luxo de manobrar uma leitura descontraída e descomprometida. O leitor tropeça nos obstáculos literários que se manifestam visualmente no texto como registros tipográficos. Esse esforço compenetrado, enfim, abre espaço para um entendimento mais profundo da realidade.

O autor não está interessado em contar uma história, ou várias histórias, de um modo convencional, com começo, meio e fim. O ato de escrever essas narrativas tecendo e alterando pontos de vista e espaços temporais convoca o leitor a participar do processo criativo, exigindo que ele construa a vida desses indivíduos em desconstrução, a partir de tecidos intertextuais e detalhes referenciais.

As narrativas representam memórias caleidoscópicas em desordem, que dependem do leitor para serem decifradas. *O mundo inimigo* retrata um mosaico da memória e sua dupla armadilha: o passado rememorado a partir das conseqüências do presente; o presente emaranhado nos fios catastróficos do passado. As vidas dos personagens são consumidas por remorsos, provindos de atos egoístas, porque são pessoas impulsionadas por interesse próprio, corrompidas pela sedução ou corroídas pelo desespero. A marginalidade, a criminalidade, a violência, a hipocrisia, o abandono, a solidão, a desgraça emergem como conseqüências trágicas na vida desses indivíduos. Uma culpabilidade maior, imposta por disparidades socioeconômicas, enfatiza esse aspecto de alienação e discriminação do qual eles são vítimas. O mais largo círculo desse inferno abrange um sistema social abominavelmente injusto.

Como ligar a complexidade estrutural da obra de Luiz Ruffato à temática proletária? A estrutura formal paradoxalmente corresponde às dificuldades que os personagens enfrentam no dia-a-dia. As inovações lingüísticas ousadamente originais representam ingredientes de contemporaneidade dentro dum contexto realista, com seu toque oitocentista. A linguagem rica, refinada, elaborada vem justaposta aos personagens empobrecidos e comuns, dentro da mesquinhez, da banalidade cotidiana. Ao se concentrarem em temas universais de abandono, separação, exílio, ausência, solidão e tristeza, essas narrativas salientam o aspecto desumanizador da condição humana ao destacar a classe mais vulnerável. Elas são, portanto, as pessoas mais desprezadas pela sociedade, e, por isso, apresentam-se como vítimas oprimidas, alienadas, angustiadas, aflitas, sobrecarregadas, desamparadas.

Tanto a precisão quanto a sofisticação experimental no plano formal têm o efeito contraditório de apontar para a escassez das vidas personificadas ao nível do conteúdo. Diferenciações tipográficas e pontuação inventiva e experimental – por exemplo, interrupções em itálico ou em negrito, ou textos separados por parênteses, por vezes parênteses invertidos que estendem ou multiplicam as interpretações do texto – equivalem a alterações narratológicas que incluem mudanças de voz e perspectiva, focos simultâneos, fragmentos ou cacos da realidade. Às vezes essas diferenciações representam cortes ou saltos temporais que correspondem a alternâncias entre o passado e o presente, que, por sua vez, fogem de uma linha única e cronológica.

Esta atenção formal também indica variações do linguajar falado ao pensado ou do linguajar iletrado (numa dicção regional mineira) à narratologia instruída. Estas alterações na narrativa enfatizam agonia, miséria, abandono (e as suas conseqüências: o rancor, o remorso) porque criam espaço para reflexões íntimas, o não-dito, o desabafo, os pensamentos, as lamentações, as dúvidas, as memórias, as mentiras, as revelações, e sobretudo o processo de auto-questionamento. Enfim, a narrativa dá voz a tudo que poderia ser excluído de uma narrativa convencional com um foco unívoco.

O *mundo inimigo* põe em evidência a miséria da condição humana. A ficção humanizadora do Luiz Ruffato retrata em vista panorâmica, isenta de sentimentalismo, as injustiças sociais, assim como uma quantidade de

prejuízos e abusos provindos da carência: preconceitos raciais, violência doméstica, males mentais, deficiências físicas, embriaguez, delinqüência, desemprego, prostituição. Nas palavras do personagem Gilmar, estas criaturas estão “cruzando o inferno”.

Este inferno ruffatiano concentra-se no Beco do Zé Pinto, onde diversas famílias – ou fragmentos de famílias – moram. As diferentes narrativas destacam a vida desses núcleos familiares. Os filhos Luzimar e Hélia, do casal Seu Marlindo e D. Zulmira, aparecem nessas histórias, em diversos momentos de suas vidas: Luzimar casado no fragmento “Amigos”; Luzimar menino em “O barco”; Hélia adolescente em “A solução”. O segundo fragmento, “A demolição”, retoma o tema de “Amigos” – no qual o Gildo adulto se confronta com o Luzimar – ao enfatizar a família do Seu Marciano e da D. Marta do ponto de vista do filho ausente Gilmar. Essas narrativas também sugerem uma oposição entre o Beco do Zé Pinto e o além, ou seja, a cidade que capta a imaginação dos que conseguem escapar desse mundo.

Os fragmentos “A mancha”, “Jorge Pelado” e “Ciranda” concentram-se na Bibica e nas vidas trágicas de seus três filhos. Cada narrativa realça um filho em particular: Marquinho, em “A mancha”; Jorginho, em “Jorge Pelado”; Zunga, em “Ciranda”. No seu conjunto, essas três histórias testemunham o sofrimento de uma mãe solteira, posto em foco através das perspectivas diferentes que caracterizam cada narrativa. Por exemplo, em “Jorge Pelado” temos uma narrativa multidimensional que se evidencia através de sua divisão: na primeira parte, “Agonia”, vemos o ponto de vista do Jorginho (ora criança, ora adulto). Na segunda parte, “Lamentação”, vemos a perspectiva da sua mãe Bibica ao longo dos anos (no final, quase cega num asilo), numa narrativa dominada pelo processo de indagação. Além do trabalho exaustivo como lavadeira, operária e, por vezes, prostituta, essa mãe se tormenta incansavelmente com as tribulações dos filhos: a morte prematura por atropelamento no caso do Marquinho, pequenos roubos e exílio forçado para o Jorginho, doenças como paratifo e pedofilia que fazem com que o filho mais velho, Zunga, tenha “o capeta no corpo”.

Outros personagens, coabitantes do Beco do Zé Pinto, sobressaem-se nas histórias subseqüentes. Esses põem em segundo plano os personagens principais dos fragmentos anteriores, portanto mantendo os pontos

de vista em fluxo. O reaparecimento de personagens – mesmo em plano secundário – contribui para dar um sentido geral de continuidade narratológica. Em “Paisagem sem história”, a narrativa desdobra-se em detalhes minuciosamente descritivos que reproduzem o interior de um quarto. Este processo tem o efeito de pincelar em toques mais abstratos, montando como um *collage*, a história da jovem Cidinha (que mais adiante no tempo, mas anteriormente no esquema do romance, é perseguida amorosamente pelo Zunga). A narrativa vai aos poucos desnudando a dor que ela sente pela mãe falecida e os motivos pelos quais ela se torna uma mulher da Ilha.

O *mundo inimigo* realça perda e separação na vida dos casais ali representados. “A danação” e “A decisão” assemelham-se um ao outro no poder divisório que ambas as narrativas conferem aos seus personagens principais. Tanto o Zito Pereira, em “A danação”, quanto o Vanim, em “A decisão”, são agentes responsáveis pela desintegração fatal de seus matrimônios, pois são impulsionados por ações egocêntricas. Estes sujeitos são condenáveis. No entanto, é através deles que a narrativa tão compenetrante nos revela os dilemas dolorosos que todos os seres humanos confrontam entre sonhos e a realidade. Como leitores, participamos da danação do Zito Pereira através de uma narrativa que oscila freneticamente entre passado e presente, na medida em que este personagem vacila entre a namorada Gracinha e a esposa Hilda (mais seus cinco filhos). Essa narrativa também realça os mais severos danos causados pelo desemprego e pela intolerância gerada por preconceitos raciais, que em si incitam a violência e a criminalidade.

“A decisão” termina com uma separação, na partida do Vanim para a cidade em busca do seu destino como artista. Assim como em “A danação”, o casamento – e a sua implícita dependência no emprego de operário – representa um nó que aperta e sufoca, impossibilitando a independência, sobretudo masculina. Ironicamente, *Um outro mundo* revela uma nostalgia por essa dependência conjugal. O Zé Pinto, velho e desgastado, encontra-se num estado extremo de solidão e, portanto, está reduzido a um caco de pessoa que lamenta continuamente a ausência da mulher e de seu cão.

Este mesmo Zé Pinto aparece momentaneamente no último fragmento, agora inerte, “baba no canto da boca”, como representante humano da

decadência miserável do lugar. Seguindo uma via nostálgica de busca, o protagonista de “Vertigem” vai à procura da figura redentora que ilumina a sua memória. Depois de seguir várias pistas sem resolução pelas vizinhanças de Cataguases, “o visgo do passado impregnando sua roupa,” a rota acaba encaminhando-o a um hospício em Juiz de Fora. Lá ele afinal encontra Margarida, um “corpo só-ossos,” incapaz de reconhecê-lo. A busca de um passado mais afortunado que pudesse redimir “a vida que murcha” do presente se reduz – tal qual areia movediça ou lacuna vertiginosa em que tudo conhecido desaba ou se apaga – a um blecaute completo.

No seu total, as narrativas de *O mundo inimigo* manifestam ambivalência e complexidade quanto aos temas de união e separação, permanência e distância, laços familiares e individualismo. A inimizade infernal do título do volume corresponde aos conflitos universais que nos agonizam diariamente quando deparamos com múltiplos obstáculos que retêm o poder ora de nos salvar, ora de nos condenar. Nem nós, leitores privilegiados e cultos, estamos isentos das misérias humanas. Na medida em que navegamos precariamente a correnteza dessas narrativas (como as águas barrentas do Rio Pomba), renegamos qualquer posição virtuosa ou vitoriosa porque este processo árduo de leitura nos reveste de vulnerabilidade. Portanto, ele nos permite uma perspectiva penosa e próxima, imbuída tanto de aversão quanto de compreensão pelas falhas e deficiências (o veneno no sangue) que reconhecemos em nós mesmos.

Resta responder: quais são os perímetros desse mundo inimigo? Por exemplo, quando ouvimos a voz desesperada da Hélia, em “A solução”, dizendo “Não, nunca vou conseguir sair desse inferno,” a qual inferno ela se refere? Na busca do seu príncipe encantado, o Beco do Zé Pinto simboliza, com certeza, um beco sem saída para ela. Mas há vários infernos que coabitam esse *Mundo inimigo*. Ao contemplar o suicídio no meio da Ponte Nova, Hélia também personifica o sofrimento universal do ser humano desamparado. A solução, eco do título da narrativa, surge inesperadamente de uma forma outra e ordinária, que se manifesta através da solidariedade e do amparo compassivo que a salva.

Para o alívio de todos nós, lembremos que o Luiz Ruffato proclama desde o início ser provisório este inferno. Como leitores, imaginamos que a temporalidade vá nos oferecer mais tomos ruffatianos de onde possamos não só nos desvencilhar dos nossos próprios infernos, mas sobretudo, em conjunto, agirmos para denunciar esse mundo injusto, intolerante e inimigo.